

O ASILO DE ORFÃS DE CAMPINAS EM O SEU 60.^o ANIVERSÁRIO.

O TORNEIO LITERÁRIO DA SUA INAUGURAÇÃO

Na terça-feira, 15 de agosto, completa o Asilo de Orfãs, anexo à Santa Casa de Misericórdia de Campinas, sessenta anos de existência. Não tenho à mão um relatório que mencione, pelos registros da casa, o número de meninas pobres e desvalidas que por ali tem passado e continua a passar desde a sua fundação, ideia pelos homens que ali mantiveram aceso o facho da lídimã caridade cristã ateado, desde 19 de novembro de 1871, por d. Joaquim José Vieira, aquele tempo conhecido simplesmente pela sua alcunha - de que ele tanto se ufanava nos últimos dias de vida- de "Vigarinho".

A chama inicial foi abençoada, porque a instituição recebeu o favor público desde os seus primeiros trabalhos; ergueram-se paredes de enfermarias e salas de aulas em torno da capela, e a Casa foi-se desdobrando em serviços úteis, em realizações esplêndidas e continua sua magnífica atividade, curando doentes, consolando aflições, acolhendo orfãs e meninas desamparadas, difundindo a instrução preliminar, realizando, em suma, um verdadeiro apostolado de assistência em que o zelo indefectível das valorosas Irmãs de S. José completa e coroa o trabalho de irmãos e mesários, a competência de médicos e enfermeiros e a atenção vigilante de mestras e educadoras do orfanato e dos cursos externos.

Depois que se ergueu o Hospital, inaugurado festivamente a 15 de agosto de 1876, menos de cinco anos após o assentamento da primeira pedra, cuidou o fundador, d. Joaquim, de completar a obra com a fundação de um Asilo de Orfãs, mas, enquanto não podia instalar o Asilo, abriu um curso externo de instrução para meninas pobres. Nos primeiros anos o movimento foi muito além do que se esperava e as matriculas ascenderam a mais de 200. Os recursos, entretanto, não bastavam para atender a uma ampliação que se reconheceu ser indispensável - nem, muito menos, para a instalação do Asilo de internas.

Pode-se bem avaliar, nos dias de hoje, o que seriam as dificuldades daqueles tempos, quando o aparelhamento da instrução popular era mínimo e os governos monarquicos tão pouco faziam nessa descuidada seara. D. Joaquim, fundador da instituição e seu mais desvelado apóstolo, teve que abandonar a direção da casa em abril de 1883, para ir assumir encargos apostólicos mais amplos e mais pesados como bispo do Ceará e transmitiu a direção ao dr. Valentim José da Silveira Lopes, mais tarde Visconde de S. Valentim, médico português que se estabelecera em Campinas e ali formara família da qual vieram a destacar-se filhas ilustres como d. Julia Lopes de Almeida e D. Adelina Lopes Vieira.

O visconde assumiu a Provedoria e o compromiso de fundar, logo que pudesse, o Asilo, obra que o Vigarinho acalentava como realização complementar da primeira. Era um legado de encargos que o jovem bispo do Ceará transmitia

ao seu sucessor nestas palavras do último relatório apresentado à Mesa da Irmandade em 22 de abril de 1883 - (e basta um período para se medir a visão da obra de assistência que aquele sacerdote paulista já então acalentava):

"Este estabelecimento, destinado a dilatar a luz da instrução e servir de abrigo às infelizes criaturas que, à míngua de recursos, deixam facilmente corromper-se e por sua vez se tornam focos de corrupção, só conseguirá seus fins quando grandes espíritos observadores dos males sociais derem expansão à generosidade de seus corações formando assim fundo cujos rendimentos bastem para manter um internato em grande escala.

"Até aqui, conquanto em externato, tem feito muito bem, correspondendo em parte ao seu elevado fim - do que vós todos sois testemunhas."

Com a retirada de D. Joaquim passaram pela Provedoria nos anos seguintes o padre Francisco de Abreu Sampaio e o major Antonio Luís Rodrigues, e pela Mordomia, então criada, José Pinto Nunes e o dr. Francisco A. Pereira Lima, médico mineiro, já no exercício do cargo em 1889 por ocasião da primeira grande epidemia de febre amarela, que devastou a cidade, como já o fizera em Santos e causou um desmantelo geral em todas as suas fontes de riqueza e prosperidade.

Mas d. Joaquim, não obstante as preocupações

da diocese cearense cujos vastos limites tinham sido cresta dos por uma das secas que periodicamente a devastavam, não perdia de vista a sua primeira fundação: em carta aos amigos de Campinas - Bento Quirino, Pereira Lima, Antônio Lobo e Augusto César do Nascimento - que estavam à testa da mesa da Irmandade, lembrou que a ocasião era propícia para se lançar com dobrado vigor a idéia da fundação do Asilo Internato, a fim de acolher as orfãs, então mais numerosas, que a epidemia atirara ao desamparo e expusera a perigos maiores do que os que ele pretendia enfrentar seis anos antes.

Em 1889, em agosto e setembro, vencidos os meses da hecatombe e da confusão, Augusto César tomava a dire-ção de uma "kermesse", coisa nova, na praça fronteira à sua residência, depois chamada praça Imprensa Fluminense. Pereira Lima secundou-o vigorosamente, e o grupo devotado da Irmandade encontrou apoio caloroso na lavoura e no comércio campineiro. Choveram donativos, esmolas, legados de todos os cantos. Nas barracas levantadas naquela praça apurou-se um saldo lí-quido próximo de cinquenta contos de reis, o que representaria hoje importância talvez vinte vezes maior.

E no ano seguinte, a 15 de agosto de 1890, vencida a segunda epidemia de março e abril, inaugurou-se o asilo, no qual já estavam abrigadas algumas dezenas de meninas, brancas, pretas e mulatas, - sem distinção de côr - que ali nunca houve - mesmo porque a miséria e a morte a todos nivela na mesma contigência e no mesmo desespero.

oo

A inauguração foi motivo ou pretexto para novas festas, nova coleta de auxílios e novas e mais entusiasmadas expansões literárias nos jornais da terra. Foi lançada uma polianteia, que era vendida sem preço fixado. ~~Dois dos adquirentes pagaram um preço fixado.~~ Dois dos adquirentes pagaram um preço que bastou para cobrir a edição.

Velhos e novos prestaram sua colaboração. Pereira Lima abriu o panfleto com um breve apelo ao povo campineiro e agradecimentos pelo que já havia feito. O edifício com seus salões amplos e seus dormitórios a rejados, em que as caminhas das orfãs eram vistas em filas de dez em dez, foram abertos à visita pública: a contemplação daqueles leitos alvos e das carinhas, já risonhas e alvoroçadas das meninas em seus uniformes a zuis, fez com que muitos olhos se fechassem para dar vão às lágrimas e muitas bolsas se abrissem para dar saida a oferendas avultadas. A polianteia foi, como se escreveu, na ocasião, um "sucesso maravilhoso".

Para evitar uma inundação de composições literárias, fixou-se um tamanho máximo, a pretexto de falta de espaço: e os colaboradores surgiram de todos os cantos, moços e velhos, advogados e médicos, escritores e jornalistas, sacerdotes e professores.

Os moços eram acadêmicos de direito ou preparatorianos e "formigões" e chamavam-se: Alfredo Pujol,

Alberto Sarmiento, Paulo Lobo, César Bierrenbach, José Augusto Quirino dos Santos; ~~Alfredo de Chambrun~~ Alfredo Pinto.

Jornalistas que, na propaganda republicana se digladiavam em debates chamejantes dos partidos monarquistas, ensarilhavam armas e apareciam nas colunas da edição ao lado dos antigos adversários, irmanados pelas mesmas aspirações. A desgraça do mal epidêmico tivera, após tantas lágrimas e tanto luto, aquela compensação, de apagar ou atenuar ódios e ressentimentos.

Já no ano anterior, quando a Monarquia estava em seus últimos arquezos, a mesma auspiciosa fraternização se assinalara: ao lado de monarquistas como Policarpo de Queirós, João Egídio e Inácio de Lacerda, os republicanos Carlos Ferreira, Vieira Bueno, Antônio A. da Costa Carvalho, Antônio Lobo, Tomás Alves Filho, e Alberto Sarmiento davam a contribuição de suas penas, para aquela obra comum de amparo aos necessitados. Os sonetos aparecem, cheios de colorido sombrio, como que tarjados de luto, em 1889; mas já reanimados e esperançosos em 1890. De todos eles o melhor foi o que do Rio enviou à comissão o mestre Machado de Assis, prova de que a hecatombe encontrara eco na capital da República nascente e no coração compassivo dos seus homens de letras.

Não se veste de exageros, negrumes, e trópos literários como tantas outras composições - nem era o mestre Machado homem para paroxismos literários, mas oferece palavras

de estímulo e louvor bem merecido aos que estavam realizando aquelas festas.

- Recolhei, recolhei essas coitadas,
Tristes crianças, desbotadas flores,
Que a morte despojou dos seus cultores
E pendem já das hastes maltratadas.

Trocai, trocai as fomes e os horrores
Os despresos e as ríspidas noitadas
Pelo afago dos peitos protetores.
Ensinai-lhes a amar e a ser amadas.

E quando a obra que enceitais agora
Avultar, prosperar subir ao cume,
Tornada em sol esta ridente aurora,

Sentireis ao calor do grande lume
Tanta ventura que, se fordes tristes,
Jubilareis da obra que cumpristes

...Assim, aquele plano ^{que} D. Joaquim José Vieira, lançará 14 anos antes, plano que chegava à sua realização completa, desdobrava-se e florescia no seu fim mais alto com a criação do Asilo para receber orfãs, para lhes dar teto, agasalho, alimento e instrução, em uma palavra, para suprir, com o desvelo das Irmãs de São José, o carinho materno e o aconchego do lar que a epidemia lhes roubara.

Bem escreveu Augusto César, em setembro de 98, pondo em três linhas simples - pois não era nem escritor nem jornalista - um pensamento gentil que ele proprio dali para diante, converteu em realização pratica: " No amor a meus filhos encontrei o mais poderoso incentivo pa

~~O ASILO DE ORFÃS DE CAMPINAS E O SEU 60º ANIVERSARIO~~

(cont.)

-fls 8 -

ra o trabalho em favor das orfãs". Neste 15 de agosto con
sagrado pela Igreja à Assunção de Nossa Senhora, a Irman-
dade campineira ~~de~~ reúne jubilosa na velha e sempre moça
capela central para honrar seus benfeitores e acendrar
seus propositos de devoção àquela admiravel obra de assis-
tência. Lá estaremos, para dar apoio que nos é pedido a
essa dignificante realização da caridade critã.

São Paulo, 13 - VIII - 1950